

---

## Evidências de um rompimento epistêmico – uma análise do clitóris<sup>12</sup>

Luiza Müller<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### RESUMO

Utilizando-se da premissa de rompimento epistêmico de Michel Foucault e a fronteira entre arquivos como o espaço do Comunicável, investigamos as mudanças no estatuto do Clitóris enquanto objeto de conhecimento. Para isso, tomamos artigos e notícias sobre o estado da arte desse campo de pesquisa de modo a identificar evidências que apontem para uma quebra epistêmica no que diz respeito à sua comunicabilidade – de simples e invariável para incontornável na relevância de sua visibilidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Clitóris; Episteme; Comunicável; Visibilidade.

### O Comunicável – um espaço de fronteira

Em sua obra, o filósofo Michel Foucault selecionou amostras da história - como a loucura e a punição, por exemplo - investindo analiticamente sobre os seus arquivos específicos, como os diários de asilo ou a arquitetura das prisões para que, a partir deles, fosse possível chegar no discurso, enquanto formulação última, de cada uma dessas coisas. Semioticamente, inclusive, esse movimento demonstra que cada recorte epistêmico apresenta uma ideia que media a nossa compreensão de cada uma dessas coisas. “Pois cada vez que alcançamos aquela *differentia ultima* do fenômeno, a saber, o ‘discurso’ que o descreve, invariavelmente descobrimos que o fenômeno é bizarro, arbitrário, gratuito.” (VEYNE, 2010, p.13, tradução nossa)

Nessa configuração, o arquivo tem função dupla: é o agente de ruptura epistêmica, prevenindo que as coisas ditas apenas se empilhem infinitamente em uma linearidade sem termo, e, também, o elemento aglutinador que impede que essas mesmas coisas desapareçam simplesmente, antes se agrupem na regularidade da sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pesquisa realizada subsidiada por bolsa CAPES.

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação e integrante do Grupo de pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação - Gpesc, email: luizaemuller@gmail.com

---

dispersão. É no arquivo, inclusive, que é possível observar os fenômenos empíricos que expressam as descontinuidades que separam as diferentes eras epistêmicas.

Assim, também nós, voltamo-nos aos rompimentos epistêmicos localizados no limiar do arquivo, que é a fronteira que delimita sua gênese, para analisar o fator de produção de diferença que caracteriza a sua existência, a fissura que separa o que costumava ser dito (e não mais o pode ser) daquilo que ainda se encontra fora da prática discursiva. Esse espaço de movimento e diferenciação é o lugar do *em potencial*, é o espaço que aqui propomos chamar de *comunicável*, cujo sufixo “ável”, responsável por indicar possibilidade, quando agregado ao radical *comunic*, manifesta a sua condição ontológica de desprendimento das continuidades - uma conjunção de novos regimes de dizibilidade e visibilidade que, por sua vez, provocam mudanças nas práticas discursivas e, por isso, interferem na instauração de novos objetos discursivos.

Donna Haraway (2023, p.351) afirma que “Os objetos são projetos de fronteiras”. Um projeto se caracteriza por suas coordenadas de caráter intencional - movimentos premeditados movidos por um desejo, uma tenção específica. Os objetos de um saber são projetos desse território muito específico de característica fronteira - o comunicável. Em *A reinvenção da natureza - Símios, ciborgues e mulheres*, a autora (HARAWAY, 2023) atenta para a dificuldade de avistar as fronteiras semióticas que produzem novos objetos/corpos de conhecimento, destaca que tais limites só podem ser desenhados por meio de práticas de mapeamento e que os corpos, por sua vez, só se materializam de maneira culminante através da interação social. Ademais, esses espaços de fronteira são altamente produtivos semioticamente. “O que as fronteiras contêm provisoriamente permanece gerativo e produtivo de significados e corpos. Situar (e avistar) fronteiras é uma prática arriscada.” (HARAWAY, 2023, p.351) O risco se coloca, precisamente, no fato de que os objetos não preexistem a si mesmos. Em outras palavras, antes de vir à tona e tomar parte no jogo das trocas, antes de ser comunicável, o objeto nem existe. Por isso que, a principal crítica foucaultiana à epistemologia da escola francesa é uma noção de evolução ou progresso histórico da ciência e que muito nos servirá para a análise do comunicável do clitóris, nas idas e vindas do discurso científico em sua descrição.

Para essa tarefa, tomamos por base artigos e notícias a respeito do estado da arte da pesquisa sobre a genitália feminina e o clitóris, destacando seu percurso enquanto objeto de conhecimento e apontando evidências de um rompimento epistêmico no que

---

diz respeito à sua comunicabilidade – de simples e invariável para incontornável na relevância de sua visibilidade.

### **Rompendo com a simplicidade e a invariabilidade: a genitália feminina e o clitóris**

Por muito tempo existiu um conjunto especialmente limitado de coisas passíveis de serem vistas na anatomia sexual das fêmeas. Por isso, descrições científicas esparsas e escassas destacam uma pretensa irrelevância para a compreensão da dinâmica reprodutiva das espécies e uma dita invariabilidade evolutiva de sua organização anatômica, características que não apenas traduzem o contexto histórico e social em que foram enunciadas, mas que também emitem uma sentença engessada no campo das verdades: há pouco para se ver dentro e ao redor das vaginas e há ainda menos para ser compreendido.

Mesmo em nossos dias, as análises da ciência moderna a respeito da dinâmica sexual das diferentes espécies do reino animal, vítimas de um profundo viés masculino, ainda abordam a fêmea apenas em relação - como a versão defeituosa, malformada, simplificada ou ainda, complementar, do macho. Contudo, de forma inicial e ainda tímida, configuram-se olhares com a ousadia de imaginar o indescrito, romper com o que se comunicava até então e, dessa forma, materializam-se novos corpos. Estamos na fronteira que marca a potência do comunicável - uma outra realidade epistemológica está a surgir, o que nos diz também sobre um possível rompimento epistêmico. Com os olhos sobre esta região privilegiada do comunicável, “(...) próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade” (FOUCAULT, 2020, p.160), debruçamo-nos, no contexto da genitália das fêmeas, sobre um objeto de análise igualmente privilegiado devido a um histórico peculiar de descobertas, invisibilidades e redescobertas: o clitóris.

Parte integrante da genitália das fêmeas amniotas (conjunto de animais cujos embriões são envoltos por uma membrana amniótica), o clitóris é o “(...) único órgão cujo propósito é proporcionar prazer sexual” (BRENNAN, 2022, p.528, tradução nossa) e, geralmente, configura-se em parte homóloga ao pênis, ou seja, mantém com o seu correspondente masculino semelhanças de forma e função. (FOLWELL; SANDERS; CROWE-RIDDELL. 2022) Isso porque o falo é uma característica compartilhada pelos amniotas - tendo sido originado na linhagem tronco dos vertebrados terrestres (aves, répteis e mamíferos) - e está presente em ambos os sexos, no pênis nos machos, e no clitóris nas fêmeas. “As duas estruturas originadas a partir do falo são indistinguíveis durante o início do seu desenvolvimento.” (PAVLICEV; HERDINA; WAGNER, 2022,

---

p.582, tradução nossa) A anatomia, a fisiologia e a função do falo masculino são amplamente estudadas. Já no caso do clitóris, descrições igualmente detalhadas são raras. “Isso acontece mesmo havendo evidências de que a genitália feminina, e o clitóris em particular, tem função chave na reprodução”. (FOLWELL; SANDERS; BRENNAN; CROWE-RIDDELL. 2022, p.1, tradução nossa) Assim, a completa inexistência de descrições do clitóris em muitas espécies (mesmo que sua existência seja conhecida) ou os poucos e, por vezes equivocados, detalhamentos publicados são uma recorrência na maioria dos estudos. Nessa linha, de acordo com Patricia Brennan (*apud* GROSS, 2022, p.83, tradução nossa): “Onde há vagina, normalmente há um clitóris próximo. Seria uma oportunidade desperdiçada não procurar por eles.” E, historicamente, tem sido.

Nos animais amniotas, é sabido que o clitóris se faz presente ao menos no início do desenvolvimento, exceto nos pássaros, nos quais o órgão ainda não foi descrito em fêmeas adultas. (BRENNAN e ORBACH, 2020) A obviedade e a facilidade de observação são frequentemente relatadas pelas cientistas responsáveis pelas descobertas de clitóris em fêmeas amniotas, assim como é comum a surpresa ao verificar a ausência de qualquer literatura a respeito, justamente em função de sua fácil observação.

Como demonstra a revisão empreendida por Brennan (2022), o conjunto de clitóris descritos na família dos amniotas, apesar de sua provável existência na totalidade desses animais, ainda pode ser rapidamente enumerado. “Nos mamíferos, a morfologia do clitóris foi bem descrita em humanos, alguns primatas, ratos, porquinhos-da-índia, camundongos e golfinhos-nariz-de-garrafa”, complementa. (BRENNAN, 2022, p.528, tradução nossa)

Portanto, além de existir uma ordem recente de pesquisas a respeito do clitóris, existem também regularidades que atravessam esses estudos e estimulam algumas perguntas: Por quais caminhos e através de que processos algo passa a ser tão incontornavelmente óbvio e evidente? Por que somente nos últimos anos é possível identificar esses clitóris e por que depois de tanto tempo?

Em 14 de dezembro de 2022, a publicação *New Scientist* divulgou que “Cientistas finalmente encontraram o clitóris em cobras - e existem dois” (WETZEL, Corryn, 2022, s/p), em razão da publicação do estudo “*First evidence of hemiclitoris in snakes*” (Primeiras evidências de hemiclitoris em cobras, em tradução livre), de Folwell et al., deste mesmo ano. Parecendo noticiar um acontecimento há muito tempo

---

aguardado, a chamada destaca a demora da descoberta e o agravante de que, mesmo sendo um clitóris duplo, até então não tinha sido notado. A novidade parece, dessa forma, a cobrança de uma informação atrasada e a ciência, na arena jornalística, é caracterizada como um campo entregue aos atavismos de seu tempo. Sobre o mesmo tema, o site do jornal *The Guardian* publicou a chamada “Cobras têm clitóris: cientistas superam um ‘enorme tabu em torno da genitália feminina” (LU, Donna, 2022, tradução nossa).

Pavlicev, Herdina e Wagner (2022), no estudo *Female Genital Variation Far Exceeds That of Male Genitalia: A Review of Comparative Anatomy of Clitoris and the Female Lower Reproductive Tract in Theria* (A variação genital feminina excede em muito a da genitália masculina: uma revisão da anatomia comparativa do clitóris e do trato reprodutivo inferior feminino em Theria, em tradução livre) busca identificar justificativas para a falta de pesquisa sobre a genitália feminina a alguns fatores. Em primeiro lugar, as genitálias das fêmeas, normalmente, não são facilmente observáveis ou notáveis, resultando em menos interesse e investigação. Além disso, de maneira geral, as partes internas do sistema reprodutivo de ambos os sexos são menos estudadas em comparação com as externas. A necessidade de uma técnica de dissecação diferente da usual, da mesma maneira, contribui para a escassez de estudos nessa área. Outro fator é a premissa de que as genitálias femininas são mais uniformes e apresentam menos variações, o que leva à suposição de que não requerem tanta explicação quanto as dos machos.

Como se não bastasse, a crença de que a seleção sexual opera principalmente nos machos e a suposição de que o clitóris não desempenha uma função biológica relevante também contribuem para a falta de interesse na pesquisa sobre a genitália feminina. No entanto, à medida que essas barreiras e pressuposições são superadas, observa-se um aumento na pesquisa sobre o trato reprodutivo feminino, indicando uma mudança gradual nesse panorama. (PAVLICEV; HERDINA; WAGNER, 2022)

A pesquisa *Anatomy of the Clitoris* (Anatomia do Clitóris, em tradução livre) é a descrição mais detalhada deste órgão em humanos realizada pela ciência moderna. Publicado em 2005, sob liderança da pesquisadora australiana Hellen O’Connell, o artigo afirma que “A história do clitóris é uma parábola da cultura e de como o corpo é forjado em um formato válido para a civilização, apesar e não em função de si mesmo”. (O’CONNELL; SANJEEVAN; HUTSON. 2005, p.1194, tradução nossa)

---

As parábolas são histórias repletas de alegorias, figuras de linguagem responsáveis por transmitir uma mensagem, frequentemente de cunho moral, de maneira indireta, através de comparações ou analogias. Dessa forma, o que O’Connell et al. (2005) nos diz é que o corpo é forjado (ganha forma e substância) a partir da mesma matéria que compõe a cultura de uma sociedade - um conjunto de convenções que, mesmo que aos olhos e ao toque pareçam reais, na verdade são etéreas o suficiente para, ao longo do tempo, dissolverem-se e reagruparem (re)formatando-se. Assim, analisar o histórico de como o clitóris foi visto e como foi descrito, ou seja, os muitos clitóris que ao longo do tempo foram materializados através dos manuais de anatomia, dos consultórios médicos, da prática das parteiras, dos discursos políticos e religiosos e, claro, da experiência sexual das mulheres, é também analisar como se constitui a sociedade que assim os formatou.

Os autores também afirmam que objetivaram relacionar as “(...) descobertas da pesquisa anatômica moderna com a literatura histórica com o objetivo de **esclarecer perpetuamente** a anatomia sexual feminina.” (O’CONNELL; SANJEEVAN; HUTSON. 2005, p.1190, grifo e tradução nossos) Todavia, Paul Preciado (2018, p.37) adverte que, “Se a ciência alcançou o lugar hegemônico como discurso e prática na nossa cultura, isso se deve, como notaram Ian Hacking, Steve Woolgar e Bruno Latour, a seu funcionamento como aparato discursivo-material da produção físico-corpórea.” Em outras palavras, a ciência, mais do que qualquer outro saber, forja os corpos - dá-lhes forma, substância e um caráter de verdade. Assim, uma descrição derradeira e perpétua é um esforço louvável por parte dos pesquisadores mas, também, uma quimera discursiva. Antes de vir à luz e ser comunicado, um corpo nem existe.

Invisibilidade e viés masculino são evidências de práticas discursivas ultrapassadas que, agora confrontadas com um profundo estranhamento por parte da comunidade científica, apontam para um rompimento epistêmico no que diz respeito ao clitóris. A invisibilidade corresponde a um resultado dos discursos ao longo da história que falharam em materializar o órgão. Já o viés masculino é a característica predominante historicamente no tratamento científico do clitóris. Ambos se tornam evidentes apenas neste espaço do comunicável, quando passam a ser questionados, pois torna-se possível a descrição tanto do que não mais se vê ou se fala, mas também daquilo que ainda está em vias de se formalizar na malha do novo arquivo a ser instaurado.

---

## REFERÊNCIAS

- BRENNAN, Patricia L. R. **Evolution and Morphology of Genitalia in Female Amniotes**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, pp. 521–532, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.
- FOLWELL, Megan J.; SANDERS, Kate L.; CROWE-RIDDELL, Jenna M. **The Squamate Clitoris: A Review and Directions for Future Research**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, pp. 559–568, 2022.
- FOLWELL, Megan J.; SANDERS, Kate L.; BRENNAN, Patricia L. R.; CROWE-RIDDELL, Jenna M. **First evidence of hemiclitores in snakes**. The Royal Society, v.289, n.1989, dez, 2022.
- HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza - Símios, ciborgues e mulheres**. São Paulo: Martins Fontes, 2023.
- O'CONNELL, Helen E.; SANJEEVAN, Kalavampara V.; HUTSON, John M. **Anatomy of the Clitoris**. The Journal of Urology: Vol. 174, 1189–1195, Outubro, 2005.
- ORBACH, D.N. **Gender Bias in the Study of Genital Evolution: Females Continue to Receive Less Attention than Males**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, pp. 533–541, 2022.
- PAVLICEV, Mihaela; HERDINA, Anna Nele; WAGNER, Günter. **Female Genital Variation Far Exceeds That of Male Genitalia: A Review of Comparative Anatomy of Clitoris and the Female Lower Reproductive Tract in Theria**. Integrative and Comparative Biology, volume 62, number 3, pp. 581–601, 2022.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie - Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- VEYNE, Paul. **Foucault - his thought, his character**. Polity Press: Cambridge, 2010.